

O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE: QUANTOS “AQUI-AGORA” COMPORTAM UMA TRADUÇÃO E (AUTO)REVISÃO DE TRADUÇÃO?

Juliana Marshal RAMOS¹

Resumo: Os processos de tradução e de revisão geralmente não são percebidos quando o texto é lido pelo leitor. Por isso, este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre tradução e revisão de tradução, considerando o que acontece com o texto traduzido e revisado antes de chegar às mãos do leitor. Dessa forma, aqui a tradução é vista pela ótica do traduzir, ou seja, do processo. O conceito de “enunciação” utilizado é o que consta em “O Aparelho Formal da Enunciação”, em que Benveniste (1989) define enunciação como a colocação da língua em uso em um ato individual. Além disso, parte-se da noção de que existe a presença do homem na língua, conforme os estudos de Flores (2019). Portanto, sai-se da ideia de tradução unicamente como produto final e presta-se atenção ao processo. Para isso, uma nova tradução e uma (auto)revisão são propostas, a fim de pensar sobre as enunciações distintas que ocorrem durante todo esse trabalho com o texto. Essa análise é feita a partir do registro das etapas do processo e de alguns trechos da tradução e da revisão da tradução. Por meio das marcas formais dos enunciados, procura-se refletir sobre quantos “aqui e agora” acontecem no ato de traduzir e revisar um texto traduzido. A tradução e (auto)revisão serão analisadas à luz dos estudos de Benveniste (1989), Hainzenreder e Flores (2013), entre outros.

Palavras-chave: Tradução; Revisão de Tradução; Benveniste; Enunciação.

Abstract: The translation and translation proofreading processes are not usually perceived when the text is read by the reader. Therefore, this work aims to propose a reflection about translation and translation proofreading, considering what happens with the text translated and revised before it reaches the hands of the readers. This way, here the translation and the proofreading are seen as a process. The notion of “enunciation” used is that mentioned in the text “The Formal Apparatus of Enunciation”, in which Benveniste (1989) defines the enunciation as the placement of the language into action in an individual act. In addition, it starts from the notion of the existence of the presence of the man in the language, according to Flores (2013). So, one gets out of the idea of translation and proofreading only as of the final product and pays attention to the process. For this, a new translation and a (self)proofreading are proposed, in order to think about the different enunciations that occur while working in the text. This analysis is made from the registration of the stages and of the passages of the translation and the proofreading. Through the formal marks of the utterances, it seeks to think about how many “here and now” take place in the act of translating and proofreading a translated text. The translation and the (self)proofreading will be analyzed in the light of the studies from Benveniste (1989), Hainzenreder and Flores (2013), among others.

Keywords: Translation; Translation Proofreading; Benveniste; Enunciation.

¹ Especialista em Revisão de textos pela PUC Minas e graduada em Letras pela Universidade Feevale. Email: julianamarschalramos@gmail.com

Introdução

Este trabalho nasce de uma inquietação em relação à simplicidade atribuída aos fazeres do tradutor(a) e do revisor(a). Quantas vezes não nos damos conta de que um texto, quando chega em nossas mãos, é resultado de um processo realizado por diferentes profissionais do texto? Enfatiza-se aqui, portanto, o **processo**. Cada leitura, cada escrita, cada revisão: tudo pode ser visto como uma nova enunciação. A invisibilidade do tradutor e do revisor no **produto** é uma realidade.

Eis que uma segunda inquietação surge: podemos pensar em tradução e revisão de tradução sob a ótica de Benveniste sobre o aparelho formal da língua²? O grupo de estudos vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul “Além da Enunciação: leituras de Benveniste” propõe leituras de Benveniste para além do recorte enunciativo, possibilitando novos diálogos a partir disso. Inclusive, Flores (2013, p. 21) alerta sobre a importância de “precisar qual parte de sua obra está em exame, porque Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação”. É em meio a esses estudos que iniciamos uma reflexão sobre tradução e revisão de tradução para além de ensinamentos práticos, dos limites de intervenção, entre outros aspectos. É possível, por exemplo, refletir sobre as enunciações distintas, os diferentes momentos que fazem parte desses trabalhos.

Benveniste (1902-1976) foi um estudioso nascido na Síria que após alguns anos se naturalizou francês. Já em 1913 começou a estudar em Paris na École Rabbinique de France. Em 1935, recebeu o título de Doutor em Letras, foi diretor de estudos na École Pratique des Hautes Études entre 1927 e 1969, entre outros feitos. Alguns de seus trabalhos foram *Les futurs et subjunctifs sigmatiques du latin archaïque*, trabalho de conclusão para o diploma de Estudos Superiores, e a tese *Origines de la formation des noms en indo-européen*. Além disso, ele publicou “18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Société Linguistique de Paris” (FLORES, 2013, p. 14).

Assim, um dos grandes aprendizados no grupo de leituras foi que Benveniste se interessava pelas línguas e pela linguagem, de maneira ampla, não apenas pela enunciação. Para este artigo, o texto “Aparelho Formal da Enunciação” (1970) será a base teórica principal. Neste texto, Benveniste sistematiza a enunciação, o emprego da língua. Para o autor, em linhas gerais, cada vez que um locutor se apropria da língua para enunciar em um espaço tempo, convocando um “tu”, instaura-se uma nova instância de discurso ou situação de discurso. Ora, se a cada vez que o locutor se apropria da língua nessas condições (eu-tu, aqui-agora) corresponde a uma nova enunciação, então a cada vez que o “eu-tradutor-revisor” lê o texto, faz a tradução e a revisão dele instaura-se aí uma nova enunciação?

Esse questionamento será visto a partir do prefácio da segunda edição de *Thérèse Raquin*, de Émile Zola. Dessa forma, o objetivo deste estudo é iniciar uma reflexão sobre a tradução e a (auto)revisão de textos traduzidos como momentos de enunciação distintos. Para refletir sobre isso, será proposta uma tradução comentada, seguida de uma autorrevisão da tradução, além de contar com o auxílio de uma tradutora profissional e de

² Flores explica que Benveniste utiliza **aparelho formal da enunciação** apenas no título e segue no texto se referindo à expressão **aparelho formal da língua**. Flores (2013, p. 168, grifos do autor) explica que isso ocorre porque “o locutor se apropria da língua, do *aparelho formal da língua*, para construir com ela um *aparelho de enunciação*”. Dessa forma, o aparelho formal da enunciação é construído a cada enunciação por meio do aparelho formal da língua, isto é, o aparelho formal da enunciação não é acessado pelo falante. Portanto o que é acessível ao falante é o aparelho formal da língua.

uma tradutora-revisora em formação, do prefácio da segunda edição de *Thérèse Raquin*. A nova tradução é proposta apenas para fins de análise neste trabalho. A grande questão é: da primeira leitura do texto em francês até a entrega da versão final já em português brasileiro, quantas enunciações diferentes ocorrem? A intenção, neste estudo, é refletir sobre esses momentos plurais e irrepetíveis. Busco, dessa forma, contribuir trazendo mais uma parte do processo para essa análise: a revisão de tradução.

O artigo será dividido em duas sessões. Na primeira, o referencial teórico será discutido brevemente e será abordado sobre a escolha pelos estudos de Benveniste para embasar este trabalho. Depois, a análise será apresentada ao leitor, relacionando tradução, revisão de tradução e enunciação. A tradução e revisão da tradução do prefácio serão analisados à luz dos estudos de Benveniste (1989)³, Sobral (2008), Hainzenreder e Flores (2013), entre outros.

Tradução e revisão de tradução: afinal, por que Benveniste?

Esse referencial teórico será iniciado a partir de um breve olhar para o que está sendo feito nas pesquisas sobre revisão e tradução. Alguns dos trabalhos lidos são sobre o fazer do revisor e do tradutor, enfocando questões linguísticas, os limites de intervenção dos profissionais no texto de outro, entre outros tópicos (SANT'ANA; GONÇALVES, 2010; OSÓRIO, 2015).

Existem outros tantos trabalhos sobre a revisão de textos em geral, mas, por causa do espaço deste artigo, será apresentado apenas um número pequeno de trabalhos anteriores para dar uma ideia ao leitor sobre as possibilidades vistas no campo da revisão.

Muniz Jr. (2009, p. 7) explica que a intervenção em um texto “consiste, em linhas gerais, na ação de um ou mais sujeitos sobre um texto que surgiu pelas mãos de outro(s). Sua finalidade é, em última análise, preparar os textos para circular socialmente”. É importante mencionar este pesquisador, uma vez que o objetivo desta pesquisa é justamente ampliar a visão sobre a revisão, sendo aqui a de revisão de tradução especificamente. O pesquisador discorre que

Ora, é fundamental dar a ver os conflitos, silenciamentos, concepções de escrita e reescrita que se põem em jogo nessa atividade, para pôr em destaque o texto como lugar privilegiado de embate de valores. Do mesmo modo, é preciso que se considere essa atividade linguageira numa situação de trabalho mercantil que tem sofrido profundas transformações nas últimas décadas (MUNIZ JR. 2009, p. 3).

Assim, Muniz Jr. coloca uma lupa sobre o que é aqui chamado de **processo**, o que acontece durante o trabalho com o texto.

Além das análises práticas da forma de revisão e da definição desse ofício, podemos lançar um novo olhar sobre as possibilidades que os estudos benvenistianos abrem para os estudos de tradução e de revisão.

Hoff (2018) faz um apanhado sobre o início de um pensamento sobre o tema. Segundo a pesquisadora, Paula Ávila Nunes (2008) é pioneira nesse tema, com seu

³ Em estudos sobre Benveniste é comum utilizar a abreviação dos dois volumes do *Problemas de Linguística Geral*, mencionando-os como PLG I e PLG II, diferentemente do que é recomendado pela ABNT. Por esse motivo, optei por mencionar o livro *Problemas de Linguística Geral II* (1989) no texto também como PLG II.

trabalho de conclusão de curso “O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução”. Heloisa Monteiro Rosário (2012) apresenta o trabalho “Elementos para uma reflexão sobre tradução a partir da teoria benvenistiana da enunciação”. Hainzenreder e Flores (2013), com base nos estudos benvenistianos, propõem um “dispositivo de estudo do processo tradutório”, sistematizando as instâncias de discurso e as pessoas subjetivas e não subjetivas durante a tradução. Nessa proposta, os pesquisadores olham para o processo de tradução e as interlocuções que ocorrem. Em seguida, temos o trabalho de Heloisa Monteiro Rosário e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (2014) “Tradução e enunciação: desenvolvimento da competência tradutória”. Aguirre (2020) também trabalha com as enunciações, mas refletindo sobre as temporalidades, tendo em vista que a enunciação é irrepitível e que cada apropriação da língua é, portanto, uma nova enunciação. No seu trabalho, Aguirre reflete sobre a retradução e as temporalidades desses processos à luz da enunciação e do conceito de retradução de Berman (2017).

Especificamente sobre revisão, Volkweis (2020) propõe uma análise da revisão pelo viés enunciativo. Nele, Volkweis explica que inicialmente pensava a revisão como um processo solitário, mas que durante a pesquisa pode conhecer mais sobre seu trabalho e o espaço que ocupa como revisora. Nessa pesquisa, ela reflete sobre o papel do revisor de textos no meio acadêmico, em que os textos, muitas vezes, são realizados somente para fins avaliativos, sem que haja a pretensão de que ele circule em outros meios. E é por meio de entrevistas com revisores e clientes de revisão que ela analisa sobre esse processo à luz das noções enunciativas.

Os trabalhos do professor e pesquisador Valdir do Nascimento Flores constituem também um referencial teórico importante nos estudos sobre Benveniste. Dentre as obras de Flores estão *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste* (2013) e *Problemas Gerais de Linguística* (2019). É fundamental destacar os trabalhos de Flores na docência, pesquisa e na orientação de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um dos trabalhos orientados por Flores é o de Hainzenreder (2016). Na dissertação de mestrado, a pesquisadora discorre sobre estar trabalhando com textos de Benveniste e responde à seguinte pergunta: “Por que Benveniste?”. Essa mesma pergunta é trazida para cá para refletir sobre esse movimento realizado: Por que Benveniste como base teórica de um estudo de tradução e revisão de tradução? Benveniste faz uso da tradução em seus textos, já que ele lida com muitas línguas, mas não cria objetivamente uma teoria da tradução. Mas, ora, se esse estudo tem como objetivo olhar para o **processo**, situado em um determinado momento e espaço, em que um trabalho é desenvolvido por alguém e que se dirige para outro alguém, por que não pensar em enunciação e nesse falante na língua? Benveniste entra justamente por seu estudo sobre a enunciação: colocar a língua em utilização, em situação de diálogo entre um “eu” e um “tu”, em um espaço tempo. A tradução e a revisão de tradução podem então ser vistas nesse funcionamento, sem focar especificamente no texto-produto.

Pensar a tradução e a revisão de tradução a partir desse viés benvenistiano do aparelho formal da língua é pensar no falante na língua, diante de um outro e situado em um espaço tempo. Assim, não são mais apenas linhas e linhas de texto, mas sim um processo a ser visto. Quando o tradutor-revisor lê o texto de partida, ele ocupa esse espaço do outro instaurado pelo autor do texto. A partir do momento em que inicia a tradução, ele torna-se autor e cria um leitor ideal, um “tu”. Já na revisão, o “tu” do “eu-revisor” é o tradutor.

Como dito anteriormente, será utilizado o “Aparelho formal da enunciação” para refletir sobre as enunciações distintas que ocorrem na tradução e na (auto)revisão de

tradução. Esse texto foi encomendado por Tzvetan Todorov, sendo originalmente publicado na revista *Langages* em 1970 e que posteriormente foi republicado no *Problemas de Linguística Geral II*. Flores destaca que este foi o último texto de Benveniste sobre enunciação (FLORES, 2013).

Em linhas gerais, o texto começa pela fala de Benveniste sobre a diferença entre o emprego das formas e o emprego da língua. Para o autor, a descrição linguística privilegia o emprego das formas, que inclui a sintaxe, e ele adverte que muito diferente é o emprego da língua, afirmando que as condições de emprego de ambas “são, em realidade, dois mundos diferentes” (PLG II, p. 81). É a partir dessa fala sobre o emprego da língua que ele conceitua a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Alguns dos aspectos pelos quais a enunciação pode ser estudada são a) pela realização vocal; b) pela semantização da língua; c) pelo quadro formal de realização. Este último é o objeto do texto.

Nesse texto, Benveniste sistematiza a enunciação, apontando que ela é uma alocação. É a partir disso que ele traz a presença de um locutor e de um interlocutor para a enunciação ao dizer que

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação em retorno (PLG II, p. 83-84).

Além disso, Benveniste estende a discussão para a ideia de que o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, “e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (PLG II, p. 84). Resumidamente, esses índices são, de acordo com Flores (2013, p. 177), “recursos linguísticos, previstos no aparelho formal da língua” e que têm como função “colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação”. Os índices específicos são as categorias de pessoa, tempo e espaço. Os procedimentos acessórios seriam, como explica Flores (2013, p. 177), “todos os mecanismos linguísticos que, embora não específicos, servem para o locutor enunciar a sua posição de locutor”. Ao elaborar que toda enunciação, esse emprego da língua, é uma alocação, pressupõe-se um falante (eu), que instaura um outro (tu), que se situa em uma instância de discurso, que tem o presente como tempo, entre outros aspectos, Benveniste sistematiza essa discussão sobre o tema enunciativo. Assim, a reflexão não se prende apenas aos aspectos linguísticos e textuais, mas parte para uma visão mais ampla, em que o homem é trazido para a discussão, bem como a língua em uso — questão essa que me parece mais abstrata.

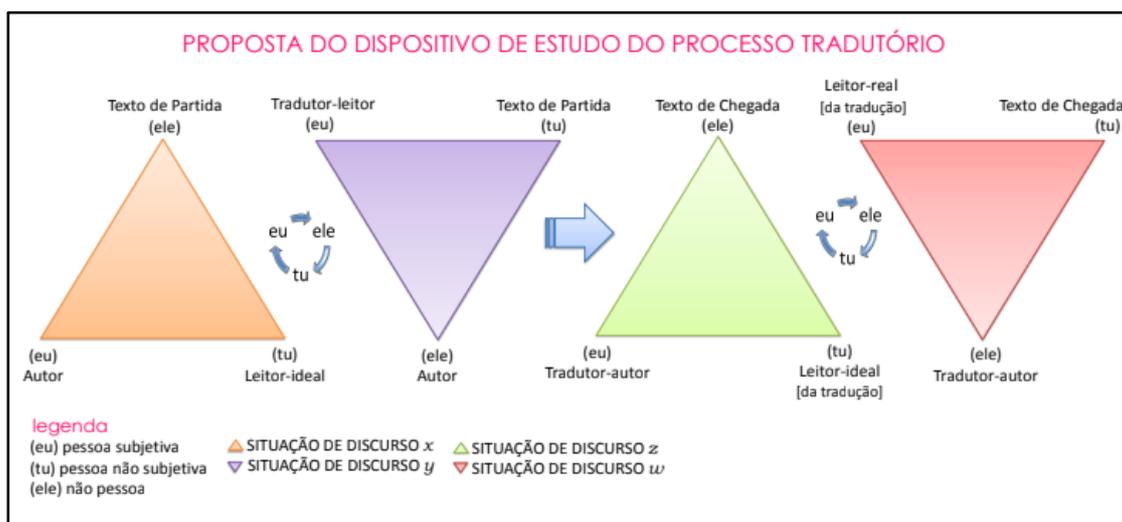
Ao optar por estudar a tradução e a revisão de tradução a partir dos estudos benvenistianos, não se busca uma teoria que fale sobre esses fazeres, mas sim uma forma de refletir sobre os **processos**, levando em consideração que o trabalho com o texto comporta o homem na língua. Parte-se da definição de Sobral (2008) de que a tradução é a passagem da ideia de uma língua para outra, ou como Benveniste menciona em “A forma e o sentido na linguagem”, que “pode-se transpor o semantismo⁴ de uma língua para o de outra ‘salva veritate’, é a possibilidade da tradução” (PLG II, p. 233). Ou seja, traduzimos a mensagem, não a língua. A revisão, de maneira mais ampla, é vista como o

⁴ Em “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967), Benveniste discorre que a forma do semântico é o sintagma, enquanto que o sentido é a ideia, explicando que “o sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime” (PLG II, p. 232, grifo do autor).

processo em que o revisor busca auxiliar para que essa “mensagem” chegue da melhor forma possível para os leitores. Portanto, o objetivo não é refletir sobre maneiras de realizar a prática de revisão de tradução, mas sim de observar a tradução e a revisão de tradução a partir das noções de **processo** e de **presença do falante na língua**. Assim, buscamos contribuir para os estudos de tradução e de revisão de tradução a partir de olhares diferentes. Cada um desses momentos de leitura, de tradução e de revisão são novos presentes da enunciação, novas instâncias irrepetíveis em que um “eu” se dirige a um “tu”, em um “aqui e agora”. A questão é sobre a pluralidade de enunciações que ocorrem até que a materialidade textual chegue às mãos do leitor.

Como este artigo busca refletir sobre todas as enunciações que ocorrem durante a tradução e a (auto)revisão de tradução, as noções de **enunciação**, **pessoa**, **espaço** e **tempo**, entre outros conceitos de Benveniste, são essenciais. Um dos trabalhos citados e que foi uma base fundamental é o de Hainzenreder e Flores (2013). Nele, os pesquisadores sistematizaram uma proposta de dispositivo de estudo do processo tradutório (FIGURA 1), em que é possível ver cada etapa como uma nova situação de discurso, ou seja, uma nova enunciação, utilizando as noções supracitadas.

Figura 1 – Proposta do dispositivo de estudo do processo tradutório de Hainzenreder e Flores



Fonte: Hainzenreder e Flores (2013, n.p.).

Os pesquisadores propõem, dessa forma, “pensar o processo tradutório como um diálogo, isto é, uma troca verbal entre interlocutores, no qual se incluem índices particulares de pessoa, espaço e tempo” (HAINZENREDER; FLORES, 2013, n.p.). Assim, cada momento é novo, irrepetível e, por isso, são plurais.

Sendo assim, é com base nesse dispositivo que este trabalho reflete sobre a revisão de tradução como mais uma parte dessas diversas enunciações, já que a revisão de tradução, mesmo que seja feita pelo próprio tradutor, no caso uma autorrevisão, é um diálogo, é/são pessoa(s) inserida(s) na língua.

Para além de pensar nas marcas formais que são suprimidas ou adicionadas ao longo da revisão de tradução, é importante olhar para o processo que é realizado por alguém: o homem na língua.

Metodologia

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p. 80). Este trabalho tem o objetivo de pensar sobre essa tradução e (auto)revisão de tradução como um processo, por isso, a metáfora da travessia em Guimarães Rosa se faz presente.

Será proposta, portanto, apenas para fins de análise, uma nova tradução desse prefácio já traduzido anteriormente por Joaquim Pereira Neto e uma (auto)revisão. O prefixo “auto” entre parênteses é utilizado dessa forma porque a revisão foi feita pela autora, mas não sozinha, já que ela contou com o auxílio de uma tradutora-revisora profissional e de uma tradutora-revisora em formação. A tradução foi realizada no site *Smartcat*, uma memória de tradução *online*.

Para refletir sobre as várias enunciações que ocorrem ao longo de todo o trabalho com o texto, a tradução e a revisão de tradução foram registradas sempre em novas versões, datadas e com o controle de alterações ativado. Por meio das alterações realizadas na superfície textual, pretendemos refletir sobre os diferentes momentos enunciativos que ocorrem neste percurso de tradução e de revisão de tradução. Ou seja, acredita-se que, por meio do texto e dos enunciados concretos, seja possível pensar sobre o mais abstrato, a enunciação.

Sobre a obra, “Thérèse Raquin” é considerada como o marco inaugural do Naturalismo na França. Tavares (1981) explica que a literatura produzida pelos naturalistas é feita a partir de um rigor objetivo e científico. O autor discorre ainda que Émile Zola tinha interesse pelos estudos de Taine: “A literatura é para ele [Taine] um fato psicológico, mas sendo os fatos psicológicos subordinados aos fatos fisiológicos e positivos, portanto sujeito a leis, a literatura deve ser pesquisada sob rigoroso critério objetivo e científico” (TAVARES, 1981, p. 79). Nesse pensamento, o meio exerce grande influência para a observação. Assim, com “Thérèse Raquin”, Zola analisa o adultério cometido por uma mulher em uma sociedade patriarcal. Todo o romance leva o leitor a acompanhar o sofrimento dela, que é obrigada a se casar com o primo doente que é infantilizado pela mãe. Do adultério à violência, essa obra dissecou as relações entre esses personagens, mostrando as facetas que o ser humano comporta, a realidade nua e crua.

A primeira edição francesa de *Thérèse Raquin* foi publicada em 1867, enquanto a segunda foi lançada em 1868, contendo o prefácio a ser traduzido e revisado neste trabalho. A edição utilizada aqui será o texto integral em francês, publicado pela Gallimard em 2004. Sobre o gênero textual prefácio, Clemente (1988, p. 99) discorre que “o prefácio autorial é um discurso do escritor sobre a literatura”. A questão é ampliada por ele ao explicar que o discurso prefacial foi ignorado por muito tempo pelos críticos, sendo que esse tipo de discurso “tem características linguísticas específicas: pessoa, tempo, dêixis, modalidades e disposição retórica do enunciado” (op. cit., p. 98). Em seguida, ele discorre que

O problema do estatuto da enunciação exige uma análise aprofundada das mobilizações de pessoa: de acordo com a época, o eu escondido ou manifesto, do prefaciador, remete a instâncias enunciativas diferentes, tanto a do escritor em seu papel quase abstrato e impessoal de autor – guia moral, filosófico e testemunha do seu tempo; tanto a da pessoa concreta, situada no tempo, submetida a circunstâncias psicológicas e sociais particulares; tanto a de autor como escritor, isto é, narrador, contador; historiador (romancista) (CLEMENTE, 1988, p. 99).

Dessa forma, Clemente traz a dimensão enunciativa presente no prefácio. É uma enunciação feita por um autor (“eu”), dirigida a alguém (“tu”) na forma de prefácio, falando sobre a obra (“ele”). Eis aí uma enunciação de acordo com os apontamentos de Benveniste. Como bem pontuam Tardivo e Zukosk (2019, p. 145), *Thérèse Raquin* contou com uma recepção difícil, uma vez que foi “associado à pornografia e à depravação”. Esse é o gatilho para o prefácio da segunda edição da obra literária. Diante da crítica especializada, o prefácio vem como forma de responder e, de certa forma, desabafar sobre esse retorno negativo.

É importante explicar que, para ilustrar as reflexões feitas acerca das enunciações durante a tradução e a revisão, foram selecionados apenas alguns trechos por questões de espaço. Sendo assim, algumas amostras serão trazidas para refletir sobre as camadas que precedem o material dito pronto. Algumas das questões revisadas foram escolhas lexicais, ordem sintática e questões gramaticais. Nos espaços em que aparece “revisão conjunta”, trata-se de momentos de diálogo tanto pelo compartilhamento do arquivo, como por chamada de vídeo realizada, ambos com uma tradutora-revisora em formação. A seguir, será apresentada a análise.

É tempo de lembrar da travessia

Retomando a citação de “Grande Sertão: Veredas”, pensar a revisão de tradução é buscar essa travessia que, muitas vezes, é invisível aos olhos do leitor. Quantas vezes a materialidade textual é vista como um **produto**? Uma superfície vista sem nos darmos conta do que está por baixo, sem nos darmos conta da profundidade. Pensa-se aqui, então, no **processo**, no **traduzir** e no **revisar**, tendo o produto como material de análise para pensar o decorrer da tradução e da revisão.

Neste artigo, busca-se refletir sobre a necessidade de convidar os leitores e os leitores-tradutores-revisores a lembrar que existe um processo anterior à leitura do material pelo sujeito-leitor. Mas também é importante contribuir com os estudos de revisão e de tradução para que a formação desses profissionais seja amparada por reflexões de diversas ordens. Em alguns momentos, a tradução e a (auto)revisão podem ser vistas como dois momentos, duas tarefas distintas e que, ao mesmo tempo, compõem um único trabalho, talvez como um produto final a ser entregue. Contudo, pretendemos, aqui, olhar para essa pluralidade de enunciações que podem passar despercebidas. O simples ato de “deixar o texto descansar” para fazer uma autorrevisão, ou de “deixar o texto de lado” em um momento de cansaço ou em que não se consegue encontrar uma solução para um problema de tradução, são essas pequenas rupturas que se busca olhar a partir do viés enunciativo.

Tendo isso em vista, nesta breve jornada é proposta uma reflexão: podemos pensar nos dois trabalhos exercidos no texto como enunciações distintas, não no nível da tradução e da revisão como grandes blocos, mas no nível da leitura. Cada leitura é uma nova enunciação, “daí a irrepitibilidade da enunciação, visto que as categorias de tempo, espaço e pessoa são – a cada instância de discurso – únicas, não podendo ser perenizadas no uso da língua” (ROSÁRIO, 2012, p. 68). As pessoas, o tempo e espaço de cada enunciação são irrepitíveis, não podem ser fixados no texto, ou seja, não estamos olhando as marcas formais apenas.

Dessa forma, alguns trechos com alterações linguísticas serão dispostos (Quadro 1, Quadro 2, Quadro 3 e Quadro 4), a fim de demonstrar por meio de marcas formais a pluralidade tão discreta de enunciações que temos ao final do processo de tradução e de revisão de tradução. É importante destacar que esses momentos ocorrem

independentemente de mudanças nas formas linguísticas. Porém, as alterações foram utilizadas aqui para tornar mais visível essa discussão, pois alcançamos a enunciação por meio do enunciado, que, nesse caso, são os trechos traduzidos e revisados.

Primeiro, é possível refletir sobre o momento que inicia a tradução: a leitura. A partir do momento em que se lê um texto, em que se busca em dicionários (neste caso o *Larousse* e o *Reverso*) palavras na língua-fonte que são desconhecidas, já podemos pensar em enunciação. Se para Benveniste a enunciação é colocar a língua em utilização, Zola (eu) escreve para um leitor presumido, instaurando o outro, sendo que o leitor se torna esse “tu” convocado pelo autor. São espaços e tempos diferentes, mas o diálogo é instaurado.

Segundo, ao partir para a tradução e para a revisão, esses espaços que o quadro formal da língua fornece para que o falante ocupe mudam. “Eu-tradutora-revisora”, ao fazer o planejamento e a tradução, idealiza um “tu-público-alvo” e tem o texto de partida como “ele”. Novamente, são espaços e tempos diferentes, afinal a leitura tem essas diferenças espaço temporais se comparada com a enunciação falada.

No Quadro 1 é possível observar duas mudanças feitas da primeira tradução até a versão final, já revisada. No trecho em destaque “passar sem prefácio” parece uma tradução mais próxima de “se passar de préface”, salvo a questão da regência verbal. Já na última versão, a opção escolhida foi “pudesse dispensar prefácio”.

Quadro 1 – Análise comparativa dos trechos nas diferentes versões

Texto na língua de partida (ZOLA, 2004, p. 7)	Versão 1 - 29/11/2021	Versão 7 - 13/12/2012 (revisão conjunta)
“J’avais naïvement cru que ce roman pouvait se passer de préface.”	“Eu havia acreditado inocentemente que esse romance pudesse passar sem prefácio. ”	“Eu havia acreditado inocentemente que esse romance pudesse dispensar prefácio. ”

Fonte: Elaboração própria

Assim, ao longo do processo de tradução e de (auto)revisão, existe uma procura por manter o sentido e uma preocupação para que não seja modificado quando se passa de uma língua para outra. Além disso, há sempre uma atenção para questões de estilística da língua de partida e da língua de chegada.

Já no quadro 2, há um exemplo de questões culturais que foram inclusive discutidas com a tradutora-revisora em formação (versão 5). “Les petites feuilles littéraires” foi primeiramente traduzida como “os pequenos periódicos literários”, pois, como consta no “Dicionário Larousse”, são publicações periódicas ou jornais. Contudo, a partir de uma pesquisa em artigos científicos, o uso de “folhas literárias” aparece como um tipo de publicação do século XIX. Dessa forma, na revisão, optou-se por traduzir “les petites feuilles littéraires” como “folhas literárias”, já que se trata de um gênero textual comum naquela época e para evitar qualquer ambiguidade com a ideia de periódicos que se tem no contexto contemporâneo como parte do meio acadêmico e científico.

As duas outras questões em destaque são o uso dos partitivos em língua francesa, além do termo “cabinets particuliers”. Ambas estão no mesmo trecho e serão apresentadas em seguida (Quadro 2).

Quadro 2 – Análise comparativa dos trechos nas diferentes versões

Texto na língua de partida (ZOLA, 2004, p. 7)	Versão 1 - 29/11/2021	Versão 5 - 06/12/2021 (revisão conjunta)	Versão 7 - 13/12/2021 (revisão conjunta)
Les petites feuilles littéraires elles-mêmes, ces petites feuilles qui donnent chaque soir la gazette des alcôves et des cabinets particuliers , se sont bouché le nez en parlant d’ordure et de puanteur.	“Os pequenos periódicos literários eles mesmos, esses pequenos periódicos que dão toda noite os relatos das alcovas e dos escritórios particulares , taparam o nariz ao falar do lixo e do odor fétido.”	“As folhas literárias pequenas , essas folhas pequenas que fornecem toda noite os relatos das alcovas e das salas privadas de restaurantes taparam o nariz ao falar de lixo e de odor fétido.”	“As folhas literárias , essas pequenas folhas que fornecem toda noite os relatos de alcovas e de salas privadas de restaurantes taparam o nariz ao falar de lixo e de odor fétido.”

Fonte: Elaboração própria

Os partitivos em língua portuguesa são traduzidos, muitas vezes, pela ausência de pronome definido ou indefinido, ou seja, na revisão com a tradutora-revisora em formação modificamos o equívoco cometido na tradução. O sintagma “cabinets particuliers” foi equivocadamente traduzido para “escritórios” em um primeiro momento, mas na revisão conjunta foi melhor discutido e foi visto que se trata de um espaço específico de restaurantes na época da escrita do prefácio. Assim, consta no dicionário supracitado que se trata de um espaço mais reservado e individual em um restaurante. Então, além de questões de sentido, há também questões culturais que são olhadas durante as revisões.

No próximo trecho, apresentado no Quadro 3, a ordem sintática foi alterada a partir da revisão conjunta. A estrutura destacada na versão 1 segue a ordem sintática do texto de partida. Na primeira tradução foi mantida essa estrutura, mas, após a discussão com a tradutora-revisora em formação, chegou-se à conclusão de que a opção em destaque na versão 5 seria a mais próxima da língua de chegada. Essa opção se mantém na versão final (versão 7).

Houve também momentos de consulta com a tradutora-revisora profissional por conta de dificuldades com palavras desconhecidas, como foi o caso com o verbo “se plaindre”. A comunicação foi realizada por e-mail em decorrência do contexto pandêmico. Assim instaura-se novamente uma enunciação: o “eu” (tradutora-revisora em formação) busca auxílio de um “tu” (tradutora-revisora profissional) sobre o “ele” (texto de partida).

Quadro 3 – Análise comparativa dos trechos nas diferentes versões

Texto na língua de partida (ZOLA, 2004, p. 7)	Versão 1 - 29/11/2021	Versão 5- 06/12/2021 (revisão conjunta)
“Ce dont je me plains, c’est que pas un des pudiques journalistes qui ont rougi en lisant Thérèse Raquin ne me paraît avoir compris ce roman”.	“Do que me queixo é que nenhum desses pudicos jornalistas que coraram lendo Thérèse Raquin não me parecem ter compreendido esse romance.”	“Eu me queixo do fato de que nenhum desses jornalistas pudicos que coraram lendo Thérèse Raquin não me parecem ter compreendido esse romance.”

Fonte: Elaboração própria

E por último, no Quadro 4, duas questões de ordem gramatical são trazidas. A tradutora-revisora em formação auxiliou na diferença entre os verbos “entendre” e “écouter”, “ouvir” e “escutar” respectivamente. Além disso, “à la”, traduzido inicialmente como “para a”, foi substituído pela estrutura “por causa de”. É importante salientar que esse trabalho é realizado por uma aprendiz de francês como língua estrangeira e tradutora-revisora em formação, por isso o trabalho foi constantemente realizado em diálogo com outros profissionais da área, formados ou em formação.

Quadro 4 – Análise comparativa dos trechos nas diferentes versões

Texto na língua de partida (ZOLA, 2004, p. 7-8)	Versão 1 - 29/11/2021	Versão 7- 13/12/2021 (revisão conjunta)
“Rien n’est plus irritant que d’entendre d’honnêtes écrivains crier à la dépravation, lorsqu’on est intimement persuadé qu’ils crient cela sans savoir à propos de quoi ils le crient.”	“Nada é mais irritante do que escutar honestos escritores gritarem para a depravação enquanto que se é intimamente persuadido que eles gritam sem saber sobre o que eles gritam.”	“Nada é mais irritante que ouvir escritores honestos gritarem por causa de depravação, enquanto estamos intimamente persuadidos que eles gritam sem saber sobre o que gritam.”

Fonte: Elaboração própria

Após a comparação entre todos esses trechos, é possível perceber a partir das marcas formais que de um “aqui-agora” até o outro “aqui-agora” são feitas alterações textuais, mas que não são meras alterações de forma, mas que podem nos levar a refletir sobre o “em torno” da tradução e da revisão de tradução.

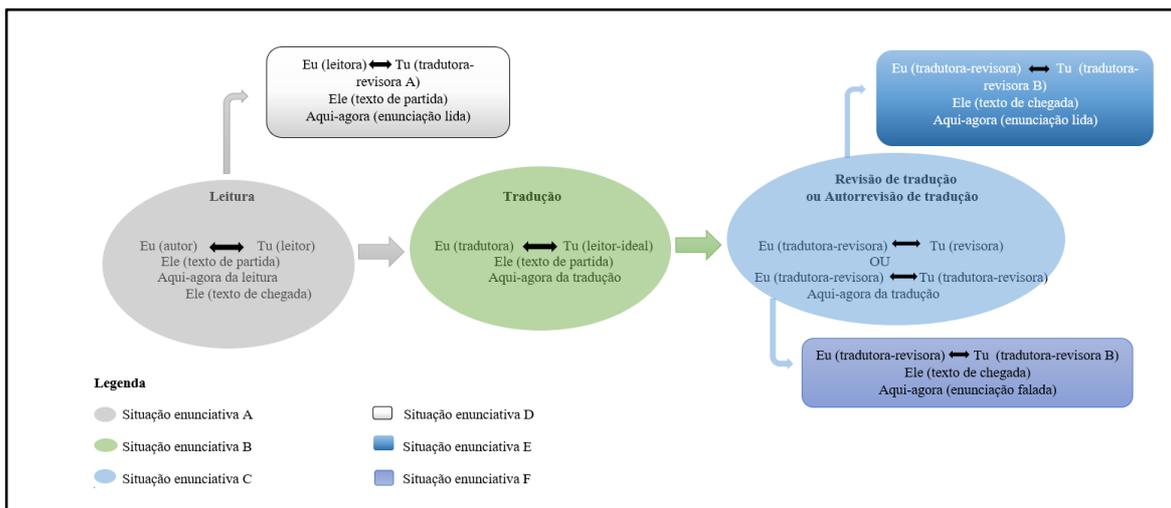
Benveniste começa o texto “O aparelho formal da enunciação” falando justamente que a descrição do emprego das formas sempre foi privilegiada nos estudos. O que se buscou neste breve estudo foi iniciar uma reflexão sobre a tradução e a revisão de tradução para além do resultado final, do produto entregue, apenas utilizando as marcas formais

como forma de olhar para a enunciação. Ao propor esse olhar para os diferentes momentos, é possível perceber a complexidade do trabalho de tradução e de (auto)revisão, tudo que vem antes do texto traduzido estar finalizado. O tradutor e o revisor de tradução se deparam não só com questões gramaticais, mas também de sentido, sempre tendo em mente que há um público-alvo, um projeto de tradução a ser feito. As escolhas são feitas sempre pensando em quem vai ler, se irá entender, se o sentido não foi alterado, entre tantas outras questões.

Flores (2013, p. 175) pontua algo extremamente importante de se pensar: a situação da enunciação escrita e da enunciação falada são diferentes. A enunciação falada é simultânea, enquanto a enunciação escrita “supõe o tempo da leitura”. Assim, neste trabalho, temos inúmeras enunciações que se iniciam pela leitura do texto de partida até chegar à leitura final da revisão de tradução. O processo mescla enunciações lidas e enunciações faladas, como mencionado anteriormente sobre o contato por e-mail e por chamada de vídeo com a tradutora-revisora profissional e com a tradutora-revisora em formação que auxiliaram no processo.

Por meio dos trechos expostos e da apresentação de algumas discussões feitas durante a tradução e a revisão de tradução, buscamos refletir sobre o fato de que a leitura, a tradução e a revisão de tradução são três grandes processos, mas que vão muito além de apenas três grandes momentos. A leitura pode ser realizada diversas vezes, a tradução é feita em mais momentos e a revisão também. Além disso, as enunciações intermediárias com outros profissionais na busca por auxílio e diálogo sobre escolhas tradutórias, dúvidas de língua, entre outros, são enunciações. Para demonstrar isso, propõe-se uma adaptação mais simples (Figura 2) do esquema proposto por Hainzenreder e Flores (2013), a fim de sistematizar um pouco a discussão deste artigo.

Figura 2 – Esquema representativo das enunciações na tradução e na revisão de tradução adaptado de Hainzenreder e Flores (2013, n.p)



Fonte: Elaboração própria.

As alterações na tradução e na revisão, que acima foram dispostas lado a lado, podem servir de exemplo para as inúmeras leituras feitas pelo leitor-tradutor-revisor e que constituem, portanto, várias enunciações.

No esquema acima podemos ver três enunciações dispostas em destaque: leitura [situação(ões) enunciativa(s) A], tradução [situação(ões) enunciativa(s) B] e (auto)revisão de tradução [situação(ões) enunciativa(s) C]. Esses três momentos por si só são situações enunciativas singulares. Além delas, temos outras três enunciações que compõem o processo, mesmo que de maneira ainda mais sutil: diálogo com a tradutora-revisora A (profissional) sobre dúvidas de vocabulário [situação(ões) enunciativa(s) D] e outros dois diálogos com a tradutora-revisora B (em formação), sendo um deles por comentários no documento compartilhado [situação(ões) enunciativa(s) E] e o outro por chamada de vídeo [situação(ões) enunciativa(s) F]. Dessa forma, sem considerar as repetições de cada etapa, temos pelo menos 6 enunciações distintas, já que a cada novo aqui-agora, de um eu-tu, instaura-se uma nova enunciação.

É importante retomar que as flechas entre “eu” e “tu” apontam para a reversibilidade entre as posições enunciativas no diálogo. Dessa forma, começa-se como “tu-leitora” e passa-se para “eu-autor” da tradução, indo, assim, para “eu-tradutora-revisora” e tendo o leitor-ideal da tradução como “tu”. Mas, ao dialogar com outras pessoas, inverte-se para “eu” (tradutora-revisora), “tu” (tradutora-revisora), ele (texto de chegada).

Assim, é possível perceber que essa análise do trabalho de tradução e de revisão de tradução pelo viés enunciativo nos permite olhar para o que acontece no processo com o texto, além de nos mostrar os diálogos e embates que restam silenciosos no produto final.

Pretendeu-se com essa adaptação propor um olhar enunciativo da revisão de tradução a partir do que Hainzenreder e Flores (2013) fizeram com a tradução. Além disso, foi olhado para as outras enunciações que coocorrem com a tradução e a revisão. A leitura de textos do Benveniste possibilitou, então, olhar para as profundezas do processo de tradução e de revisão de tradução. É importante repetir aqui que Benveniste não criou uma teoria de tradução ou de revisão, mas seus escritos abriram portas para ampliar a visão sobre esses ofícios. Dessa forma, foi possível pensar nos sujeitos envolvidos no processo, na beleza e nas dificuldades presentes nesses trabalhos, além de trazer o tradutor e o revisor de tradução para os holofotes.

Considerações finais

O processo de tradução e de revisão de tradução podem nos levar à falsa ideia de que se trata de um produto a ser feito. Neste estudo, a intenção era justamente mostrar as etapas que precedem a leitura do material já terminado. Tudo começa na leitura do tradutor, passa pela tradução inicial e segue com as revisões, pesquisas e diálogos com outros profissionais. A sensação não é de produto terminado, mas sim de processo que jamais acaba, afinal a mesma tradução pode ser revista inúmeras vezes e a sensação é que jamais estará terminada, que ela sempre poderia ser melhorada em algum aspecto.

A partir dos trechos com modificações na tradução e na revisão e das análises, procurou-se mostrar que esses processos vão além do textual, do que consta no produto final. Há diálogos, embates, há uma troca entre “eu” e “tu”, posições essas que variam também, já que vai desde a relação como leitora até a posição como autora da tradução e que imagina um público-alvo que, mesmo imaginado, guia as escolhas de tradução. Além disso, a enunciação está situada em um espaço e um tempo.

Pensar tradução e revisão de tradução a partir dos estudos enunciativos de Benveniste possibilitou também enxergar esses fazeres como muito mais do que tarefas a serem entregues, mas como esses momentos que o tradutor e o revisor estão entre duas

línguas. Existem tantas coisas acontecendo enquanto se traduz e se revisa um texto. Além disso, ressalta-se aqui que o falante está na língua em um espaço tempo: cada mudança evidencia um sujeito, cada nova leitura, independente da data em que é realizada, evidencia um “aqui-agora”. As datas e sistematizações dos enunciados foram utilizadas neste estudo para fins de análise, para tentar tornar mais acessível aquilo que é tão abstrato: a enunciação.

Por fim, neste artigo, o objetivo foi refletir sobre os processos de tradução e de revisão de tradução invisibilizados muitas vezes, mas a comparação com outras traduções não foi realizada. Berman discorre sobre a necessidade de “retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento.” (2017, p. 262, grifo do autor). Assim, futuras pesquisas podem comparar novas traduções e revisões com o texto na língua de partida e com as traduções disponíveis para a língua portuguesa, justamente pensando sobre enunciação.

Referências

- AGUIRRE, Mariana da Silva. **Retradução e Enunciação: a temporalidade do traduzir**. 2020. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e Inglês, Porto Alegre, RS - BR, 2020.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**; tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**; tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], v. 37, n. 2, p. 261–269, 2017. Tradução: Clarissa Prado Marini, Marie-Hélène C. Torres. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p261>. Acesso em 03 out. 2021. Originalmente publicado em 1990.
- BEVILACQUA, C.; KILIAN, C. Tradução e terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. **Domínios da Língua@gem**, v. 11, n. 5, p.1707-1726, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37409>. Acesso em 25 set. 2021.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Revisão de textos traduzidos em espanhol e francês na formação de tradutores. **Cultura e Tradução**, v.6 n.1 (2020) ISSN: 2238-9059. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ct>. Acesso em 22 set. 2021.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. Os prefácios e os textos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 23, n. 2, p. 97-102, junho de 1988.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013. 198 p.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas Gerais de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- HAINZENREDER, Larissa Schmitz; FLORES, Valdir do Nascimento. “Princípios para a construção de um Dispositivo Enunciativo de Estudo do Processo Tradutório”. In:

- Salão de Iniciação Científica UFRGS, 2013, Porto Alegre, RS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/101697>. Acesso em 03 out. 2021.
- HAINZENREDER, Larissa Schmitz. **O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico/semântico na relação entre línguas**: proposta de uma semiologia da tradução. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.
- HOFF, Sara. A nota “**La traduction, la langue et l’intelligence**”: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.
- MUNIZ JR., José de Souza. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1079-1.pdf>. Acesso em 22 set. 2021.
- NUNES, Paula Ávila. **O tradutor como função enunciativa**: uma análise de autotradução. 2008. 74 f. Trabalho de conclusão (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, RS, 2008.
- OSÓRIO, Ana Alethéa de Melo César. **Limites da invisibilidade**: a revisão de tradução no dicionário infernal. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF - BR, 2015.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSÁRIO, Heloísa Monteiro. Elementos para uma reflexão sobre tradução a partir da teoria benvenistiana da enunciação. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 63–71, 2012.
- ROSÁRIO, Heloísa Monteiro; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Tradução e enunciação: desenvolvimento da competência tradutória. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 3–12, jan./jun. 2014.
- SANT’ANA, Rivânia Maria; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p.225-234, 1o sem. 2010 **Smartcat**. <https://www.smartcat.com/>. Disponível em 29 nov. 2021.
- SOBRAL, A. **Dizer o ‘mesmo’ a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Editora SBS, 2008.
- TARDIVO, André Eduardo; ZUKOSK, Ana Maria Soares. Sauter la Clôture : uma leitura de Thérèse Raquin (1867), de Émile Zola. **Revista Eletrônica Interfaces**, v. 10, n. 2 (2019). Disponível em https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6026. Acesso em 22 set. 2021.
- TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 7. ed. Belo Horizonte, MG: Editora Itatiaia, 1981.
- VOLKWEIS, Felícia Xavier. **O papel do revisor**: é preciso pedir ao óbvio que se justifique. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS-BR, 2020.
- ZOLA, Émile. **Thérèse Raquin**. Collection Folioplus classiques (n° 16). Paris : Gallimard, 2004.

ZOLA, Émile. **Thérèse Raquin**; tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

Submetido em 25 de maio de 2022.

Aprovado em 21 de junho de 2022.